

**GRAMSCI EM PORTUGAL: UM AUTOR AINDA A DESCOBRIR**  
**GRAMSCI IN PORTUGAL: AN AUTHOR YET TO BE DISCOVERED**  
**GRAMSCI EN PORTUGAL: UN AUTOR AÚN POR DESCUBRIR**  
**GRAMSCI IN PORTOGALLO: UN AUTORE ANCORA DA SCOPRIRE**

Rita Ciotta Neves<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo propõe uma reflexão acerca do desinteresse pelos estudos sobre Gramsci em Portugal. A partir de alguns apontamentos a respeito do desenvolvimento sócio-histórico da sociedade portuguesa, percebemos que o desinteresse em Gramsci manifesta os desdobramentos de contradições inscritas na própria formação desta sociedade, a saber: certa passividade com relação às questões políticas e sociais do país; a condução política e ideológica do PCP de alinhamento à URSS que, além de ter afastado os estudos sobre Gramsci do escopo de seus interesses, contribuiu para a distensão do fenômeno atual de russofobia e anticomunismo; e o caráter historicamente conservador das universidades portuguesas. Concluímos o artigo indicando que há boas perspectivas para o avanço dos estudos sobre Gramsci em Portugal, salientando que para tanto, é preciso superar o estado de coisas apontado em nossas argumentações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramsci. Passividade. Indiferença.

**RESUMEN:** El artículo propone una reflexión sobre la falta de interés por los estudios sobre Gramsci en Portugal. A partir de algunos apuntes sobre el desarrollo sociohistórico de la sociedad portuguesa, percibimos que el desinterés por Gramsci manifiesta el despliegue de contradicciones inscritas en la formación misma de esta sociedad, a saber: cierta pasividad frente a las cuestiones políticas y sociales de el país; la dirección política e ideológica del PCP alineada con la URSS, que además de sustraer del ámbito de sus intereses los estudios sobre Gramsci, contribuyó a la distensión del actual fenómeno de la rusofobia y el anticomunismo; y el carácter históricamente conservador de las universidades portuguesas. Concluimos el artículo indicando que hay buenas perspectivas para el avance de los estudios sobre Gramsci en Portugal, señalando que, para eso, es necesario superar el estado de cosas señalado en nuestros argumentos.

**PALABRAS CLAVE:** Gramsci. Pasividad. Indiferencia.

**ABSTRACT:** The article proposes a reflection on the lack of interest in studies on Gramsci in Portugal. From some notes on the socio-historical development of Portuguese society, we realize that the lack of interest in Gramsci manifests the unfolding of contradictions inscribed in the very formation of this society, namely: a certain passivity in relation to the political and social issues of the country; the political and ideological leadership of the PCP in alignment with the USSR, which, in addition to removing studies on Gramsci from the scope of its interests, contributed to

<sup>1</sup> Docente da Universidade Lusófona. Endereço eletrônico: rita.ciotta@gmail.com.

the distension of the current phenomenon of Russophobia and anti-communism; and the historically conservative character of Portuguese universities. We conclude the article indicating that there are good prospects for the advancement of studies on Gramsci in Portugal, noting that for that, it is necessary to overcome the state of affairs pointed out in our arguments.

**KEYWORDS:** Gramsci. Passivity. Indifference.

**RIASSUNTO:** L'articolo propone una riflessione sul disinteresse per gli studi su Gramsci in Portogallo. Da alcune note sullo sviluppo socio-storico della società portoghese, ci rendiamo conto che il disinteresse per Gramsci manifesta il dispiegarsi di contraddizioni inscritte nella stessa formazione di questa società, ovvero: una certa passività nei confronti delle questioni politiche e sociali della Paese; la guida politica e ideologica del PCP in allineamento con l'URSS, che, oltre a sottrarre gli studi su Gramsci all'ambito dei suoi interessi, ha contribuito a dilagare l'attuale fenomeno della russofobia e dell'anticomunismo; e il carattere storicamente conservatore delle università portoghesi. Concludiamo l'articolo indicando che ci sono buone prospettive per l'avanzamento degli studi su Gramsci in Portogallo, rilevando che, per questo, è necessario superare lo stato di cose evidenziato nelle nostre argomentazioni.

**PAROLE CHIAVE:** Gramsci. Passività. Indifferenza.

## QUANDO É DIFÍCIL DESPERTAR O INTERESSE

*A indiferença é o peso morto da história. É o chumbo para o inovador, é a matéria inerte em que se afogam muitas vezes os entusiasmos mais brilhantes, é o pântano que cerca a velha cidade e que a defende mais do que todas as muralhas, mais do que os peitos dos seus guerreiros, porque ela engole nos seus remoinhos lamacentos os assaltantes, dizima-os e desencoraja-os e às vezes até consegue que desistam da sua empresa heroica.*

Antonio Gramsci, *Indiferentes*

É com uma certa amargura que iniciamos este artigo sobre o estado dos estudos gramscianos em Portugal. Amargura porque infelizmente a conclusão não é encorajante: Gramsci é “quase” ignorado neste país e uma das razões, como veremos, é a *indiferença*.

Para perceber melhor a razão do afastamento, temos que compreender qual é a verdadeira natureza deste pequeno “jardim à beira mar plantado”, como Portugal era definido, de forma muito bucólica e surreal durante o fascismo de Salazar. O fascismo agora acabou e a revolução do 25 de Abril 1974 devolveu à população a tão ansiada liberdade. A sociedade mudou profundamente, o sistema político cresceu e floresceu, mas muitos problemas ficaram por resolver.

Segundo o filósofo José Gil, Portugal continua a ser “o país da não-inscrição”, ou seja, um país onde os cidadãos praticam regularmente a *passividade*, a falta de responsabilidade, ou melhor de *inscrição*, diante dos acontecimentos sociais e políticos que os rodeiam. Um defeito, um vício, continua o filósofo, que lhes vem dos cinquenta anos de salazarismo e que ainda não se resolveu, tanto que, apesar da democracia, quase todo o funcionamento do Estado continua centrado no sistema político e partidário e pouco ou nada na, muito carente, sociedade civil.

Escreve José Gil:

Em Portugal nada acontece, “não há drama, tudo é intriga e trama”, escreveu alguém num *graffiti* ao longo da parede de uma escadaria de Santa Catarina que desce para o elevador da Bica. Nada acontece, quer dizer, nada se inscreve -na história ou na existência individual, na vida social ou no plano artístico. Talvez por isso os estudos mais sólidos e com maior tradição em Portugal sejam os que se referem ao passado histórico, numa vontade desesperada de inscrever, de registar para dar consciência ao que tende incessantemente a desvanecer-se.<sup>2</sup>

Este conceito de passividade remete-nos imediatamente, como não poderia deixar de ser, ao outro gramsciano de *revolução passiva*. De facto, houve uma revolução em Portugal, mas os alicerces sociais que regem a sociedade não mudaram: a desigualdade social permanece, o racismo oculto e muitas vezes camuflado, o nível de instrução e de cultura geral insatisfatórios, a gritante diferença entre as duas grandes cidades de Lisboa e Porto e o resto do país, os muito baixos salários e a endémica baixa produtividade.

Consideremos estes dados estatísticos: em 2020 a taxa de desemprego é de 6%, o salário mínimo bruto de 740 euros e o médio de 1360 euros. Felizmente a percentagem de alunos inscritos ao ensino superior melhorou nos últimos anos e chega agora aos 42% da população, mas, mais uma vez, a diferença entre o litoral e o interior do país é muito acentuada.

Governado atualmente pelo governo socialista de António Costa, que ganhou com a maioria absoluta nas últimas eleições de 2021, Portugal, que se modernizou bastante após a entrada na Europa, graças nomeadamente ao intenso trabalho político do socialista Mário Soares, não conseguiu ainda atingir econômica e socialmente o nível dos maiores

<sup>2</sup> José Gil, Portugal Hoje, o Medo de existir, Relógio de Água, Lisboa, 2017, pag.15.

países europeus. Apontamos, assim, esta como a primeira possível causa da invisibilidade de Gramsci: o baixo nível de vida e o fraco panorama cultural existente em todo o país.

Pensamos, contudo, que o maior obstáculo à divulgação do nosso autor se encontre num fenómeno que não é só português, mas comum a todo o mundo contemporâneo, ou seja o afastamento progressivo, quase total nalguns casos, dos cidadãos em relação à política e a todo o seu sistema partidário.

Depois do entusiasmo pelo fim do fascismo e pelos novos ventos de democracia, a tal passividade de que falámos e, sempre para citar Gramsci, a *indiferença* diante dos factos e das questões políticas, atitude tão temida pelo nosso filósofo, instalou-se na maioria da população, nomeadamente entre os jovens. Aliás, outro fenómeno inquieta e levanta questões: há uma margem de jovens que, não sendo nem trabalhadores nem estudantes, se deixam arrastar por perigosos partidos de extrema direita.

Outro fator importante: a realidade do Partido Comunista Português e de todo o leque da esquerda portuguesa. Não podemos esquecer que o PCP nunca se desligou ideologicamente do modelo soviético, nem depois da queda do muro. Ao contrário, os seus dirigentes continuaram a criticar as direções dos outros partidos comunistas europeus, o francês, o espanhol e sobretudo o italiano. O próprio Álvaro Cunhal, histórico dirigente do partido, nunca se desligou da perspectiva soviética e nunca contestou as progressivas ocupações russas de outros Estados. Os comunistas foram os únicos a lutar com heroísmo e na clandestinidade contra o regime fascista, durante longos cinquenta anos, mas o seu sacrifício parece agora destituído de qualquer importância na mente do cidadão comum. Esta memória, como aliás muita memória do período colonial, apagou-se para a maioria das pessoas, mais ainda quando se fala da nova geração.

A guerra na Ucrânia e a russofobia, que se instalou maciçamente no país, não melhoraram com certeza a situação. De facto, logo no início da guerra, o PCP votou contra as sanções à Rússia propostas no parlamento e o Bloco de Esquerda, o partido mais interessante à esquerda dos comunistas, absteve-se.

Destacamos a voz de um dissidente, Domingo Lopes, dirigente comunista que, após quarenta anos de militância, resolveu sair do partido. Segundo Lopes:

(O PCP) alinhou-se cegamente com as direções dos partidos (da área soviética), como se elas estivessem certas, fizessem o que fizessem. Esta postura matou na origem a necessária capacidade crítica, que era importante manter. (...) Ora, o partido passou anos a fechar os olhos às graves violações dos direitos e liberdades dos cidadãos daqueles países, proibidos de se manifestar, de aceder aos media e de se organizarem.<sup>3</sup>

Contudo, nesse momento tão dramático e polémico, houve uma luz ao fundo do túnel, quando Jerónimo de Sousa, carismático dirigente do PCP, ex-operário, reagiu à campanha anticomunista que se desencadeou a seguir e afirmou defender a paz contra a guerra, chegando até a definir Putin como o chefe de “um país capitalista”.

Em conclusão, Gramsci não é aceito pelos comunistas do PCP por ser pouco ortodoxo em relação à doutrina soviética, nomeadamente em relação à sua crítica ao mecanicismo económico, mas ao mesmo tempo é banido pelos próprios socialistas e pela direita por representar o “perigo” comunista.

Uma posição intermédia, mas que não deixa de ser ambígua, é a do Bloco de Esquerda, próximo do trotskismo. Francisco Louçã, uma das personalidades mais interessantes, reconhece que de facto o pensamento gramsciano não teve influência na esquerda portuguesa. Talvez alguma nos anos ’70, mas na realidade foi pouco estudado e divulgado. Este partido considera, contudo, importantes dois conceitos gramscianos: o do bloco histórico e o de hegemonia.

No que diz respeito aos outros partidos do sistema português, não podemos deixar de mencionar o Partido Socialista, criado na Alemanha pelo então exilado Mário Soares, em 1973. A relação entre os dois maiores partidos da esquerda, o PS e o PCP, foi sempre muito problemática, com um intervalo de paz e colaboração constituído pela fórmula política da “geringonça”, ou seja, por um governo híbrido chefiado por António Costa, com o apoio externo dos comunistas e dos bloquistas. A trégua durou uma legislatura, voltando agora os socialistas à maioria absoluta e os outros dois partidos à oposição.

Em relação ao centro e à direita, o maior partido é com certeza o Partido Social Democrático (PSD), que, apesar do nome, pertence à área do centro-direita. Fundado em 1974, teve um dirigente carismático, Sá Carneiro, falecido tragicamente num desastre de

<sup>3</sup> Domingo Lopes, 100 anos do PCP, Guerra e Paz, Lisboa, 2022, pag.60.

avião, caindo progressivamente numa deriva direitista e hoje claramente ultrapassado eleitoralmente pelos socialistas. Por últimos, mencionamos o partido Chega, de extrema direita, fundado em 2019 e que teve uma forte subida eleitoral nas últimas eleições e a Iniciativa Liberal, fundado em 2017, aumentando consideravelmente nas últimas eleições de 2021.

Voltando à influência de Gramsci em Portugal, mesmo nas universidades portuguesas ela é bastante limitada. O conservadorismo académico não ajuda e a única instituição que se demonstrou mais aberta foi a Universidade de Coimbra, através do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia, dirigido pelo sociólogo Boaventura Sousa Santos.

Recuando ainda historicamente, lembramos o percurso deste pequeno país, que a partir do século XVI se lança na enorme aventura dos descobrimentos marítimos, navegando e conquistando pela África, pela Ásia, pelo Brasil e transformando-se assim num dos mais importantes países coloniais. Até à tragédia histórica do tráfico de seres humanos e às sangrentas guerras de independência em terras africanas.

Segundo Eduardo Lourenço, a perda da sua identidade imperial provocou justamente e ainda provoca um problema identitário no imaginário português. O filósofo interroga-se, no seu *O Labirinto da Saudade*<sup>4</sup>, sobre esta incerteza, sobre os mitos e a consciência da diversidade em relação ao resto da Europa. Uma alienação representada, genialmente, pelos heterónimos de Fernando Pessoa e que se traduz ainda em interrogações como estas: quem somos, somos europeus ou atlânticos, que fizemos, de que “raça” somos (a não esquecer, neste sentido, a grande mestiçagem da população portuguesa), quais são as nossas culpas históricas, qual é o nosso lugar no mundo?

Sobre a questão identitária, não esqueçamos também o polémico conceito de Lusofonia, que propõe uma abordagem mais ampla, além dos confins nacionais, e que compreende todos os países que falam a língua portuguesa. Ideia às vezes polémica por ser vista, sobretudo no Brasil, como uma herança do colonialismo, como um neocolonialismo não só económico e político, mas sobretudo cultural.

<sup>4</sup> Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade*, Gradiva, Lisboa, 2000.

Para Fernando Santos Neves, a identidade lusófona deve ter um papel positivo e, de certa forma, revolucionário: “Identidade lusófona não pode significar isolamento, imutabilidade ou refúgio em situações e defeitos atávicos: para ser autenticamente lusófono não é necessário ou obrigatório continuar a ser analfabeto, inculto, ineficiente, impontual, atrasado, subdesenvolvido”.<sup>5</sup>

Segundo o *lusotropicalismo* de Gilberto Freyre, o colonialismo português foi “bom”, mas sabemos que esta é uma das muitas mentiras históricas, defendidas nomeadamente pelo fascismo.

Depois desta breve introdução sobre Portugal, continuamos na nossa tentativa de perceber o porquê da falta de interesse por Gramsci.

Uma outra razão a apontar terá talvez a ver com a distância geográfica, histórica e no fundo cultural entre a Itália e Portugal. Distância até linguística, sobretudo dum ponto de vista fonético, embora o italiano e o português sejam duas línguas latinas, mas essencialmente porque, não existindo um acordo bilateral, os dois idiomas não são reciprocamente ensinados nas escolas secundárias. Dum ponto de vista cultural, houve em Portugal bastante interesse pelo cinema, música e literatura italianos durante a década de 60 e 70, além dos estudos académicos sobre o período clássico e neorrealista. E pouco mais. Hoje, evidentemente, a situação mudou, sobretudo graças ao turismo, mas os contatos continuam limitados.

Outro afastamento, pelo menos a nível editorial e de comunicação cultural, é entre Portugal e Brasil. Dois países que têm uma história e uma língua em comum, dois países lusófonos, mas que infelizmente continuam muito separados um do outro. Basta, por exemplo, considerar a aventura que é, em Portugal, encomendar algum livro brasileiro. Preços altíssimos e demora de meses... A questão, extremamente polémica e ainda não resolvida do último acordo ortográfico, também não melhorou a situação.

Eis uma outra razão que explica como Gramsci, que é um autor muito apreciado e considerado no Brasil, como aliás em toda a América Latina, seja aqui tão ignorado.

<sup>5</sup> Fernando Santos Neves, *A Hora da Lusofonia*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2013, pag.85.

Salientamos, além disso, a questão colonial, sobretudo no que diz respeito às guerras de independência de Angola e Moçambique. Os governos que sucederam aos portugueses, ambos próximos da ideologia soviética, não são com certeza bons exemplos de democracia, o que agrava o anticomunismo quase primário que se alastra hoje por todo o país.

Último aspeto: a má situação das editoras portuguesas, que pouco ou nada querem arriscar com a publicação de obras não suficientemente comerciais.

### CONTUDO, EXISTE ALGUM ASPECTO POSITIVO?

Como referimos, a produção editorial portuguesa de e sobre Gramsci é muito limitada. Encontram-se, apesar disso, alguns títulos na Biblioteca Nacional de Lisboa, exatamente 13. São quase todos de traduções, de autores italianos, franceses e ingleses. Há também alguns ensaios publicados no Brasil, como o do Marcos del Roio, *Aspectos de Gramsci*, publicado em 2009.

E, mais recentemente, os meus dois trabalhos. São duas antologias que organizei, introduzi e traduzi para a editora portuguesa Colibri, de Lisboa.

O primeiro livro é *Gramsci, a Cultura, os Subalternos e a Educação*, primeira edição em 2012, segunda em 2017 e terceira 2020. O segundo é *Escritos Livres*, 2021, com o prefácio do Professor Guido Liguori.

No primeiro texto, desenvolvi algumas categorias, que considere mais próximas da realidade portuguesa: a hegemonia, a questão meridional, os intelectuais, os subalternos, a relação com a América Latina, a educação.

No segundo, onde fiz uma seleção dos escritos de juventude de Gramsci, procurei delinear o seu percurso político, da juventude à prisão, sublinhando a importância teórica dos textos e igualmente a sua beleza literária. Destaquei, ao mesmo tempo, outras categorias fundamentais: a filosofia da práxis, a questão meridional e a revolução passiva.

Sempre de minha autoria, está prevista, para o início do próximo ano, a publicação duma terceira antologia, esta relativa às Cartas de Gramsci, ainda pela editora de Lisboa, Colibri.

Fizemos também uma pesquisa nas principais livrarias, que são a Bertrand, a Fnac e recentemente, em Lisboa, uma nova e muito boa livraria brasileira, A Travessa. O resultado não foi muito encorajante, pouquíssimos títulos de e sobre Gramsci. Mas o panorama muda radicalmente quando se faz uma procura online: há muitos livros disponíveis, quase todos estrangeiros, sobretudo em inglês e em francês.

Melhor a situação a nível académico, embora ainda escassa. Encontrámos alguns trabalhos científicos, nomeadamente teses de mestrados e doutoramentos e algumas boas pesquisas em diversos Centros de Investigação.

Entre as teses, destacamos uma de doutoramento no ISCTE de Lisboa, de João Arsénio Nunes, com o título *Comunismo e Antifascismo*, de 2017.

Ainda, outra tese de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de Carmine Cassino, com o título *Portugal e Itália: emigração, nação e memória*, de 2015.

Entre as pesquisas, lembramos o já referido bom trabalho do Centro de Investigação de Coimbra. O diretor Boaventura Sousa Santos e o professor do Bloco de Esquerda Fernando Rosas dirigiram um seminário com o título *De Marx a Gramsci: hegemonia, memória e o regresso da política*, de 2009.

Interessante igualmente uma tese de doutoramento apresentada na Universidade de Aveiro pelo aluno brasileiro Vladimir Flôres Pinto, com o título *Ensino Superior como princípio hegemónico de cidadania na sociedade civil: um diálogo com Antonio Gramsci no sul da Amazônia brasileira*, de 2014.

No âmbito da imprensa, destacamos duas personalidades ligadas ao Bloco de Esquerda, Daniel de Oliveira e o já mencionado Francisco Louçã. Ambos se aproximam ideologicamente do pensamento gramsciano: o primeiro, numa crítica muito contundente ao PCP feita na revista Expresso em 2019. Segundo Oliveira, a atual direção do Partido Comunista deixou de se interrogar sobre os aspetos ideológicos, limitando-se a perpetuar os mesmos erros do passado. Louçã, por sua vez, escreve um artigo sobre o socialista e antigo Presidente Mário Soares, figura importante e polémica da modernidade política portuguesa. Soares é definido como um “relutante gramsciano por adaptação”, ou seja, um gramsciano apesar dele próprio, no sentido que, embora não sendo comunista, tentou

realizar uma aliança entre as forças políticas de direita e de esquerda, aplicando, diz Louçã, a categoria gramsciana da hegemonia.

Concluimos este quadro bastante negro com algumas palavras de esperança: que o fim da russofobia e do anticomunismo imperantes no país possa em breve abrandar e que Gramsci seja estudado e apreciado pela sua grandeza teórica e pela sua, estamos convencidos disso, permanente atualidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

J.GIL, Portugal, hoje – **O medo de existir**, Relógio D'Água, Lisboa, 2017.

D.LOPES, 100 anos do PCP, **Guerra e Paz**, Lisboa, 2022.

E. LOURENÇO, **O Labirinto da Saudade**, Gradiva, Lisboa, 2000.

F. SANTOS NEVES, **A Hora da Lusofonia**, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2013.

M.SOARES, **Portugal Amordaçado**, Arcádia, Lisboa, 1974.

*Recebido em 18 de maio de 2022*

*Aceito em 18 de junho de 2022*

*Editado em outubro de 2022*